

LEITURAS, Rev. Bibl. Nac. Lisboa, S.3, n.5, out. 1999 - abril 2000

Duas ocorrências numa mesma semana, por coincidência ou, como quer Jung, por sincronicidade, colocaram-me frente a um campo de estudos que já me fascinava mas que eu não conhecia pelo nome que hoje recebe nos meios literários: a crítica genética, que visa seriar e interpretar os sucessivos estágios de construção de uma obra, isto é, descrever como decorreu o ato de criação de um texto, para isto avaliando os rascunhos, anotações preliminares, o texto impresso e as correções e modificações feitas de uma edição para outra (pré-textos, textos, pós-textos e paratextos). A primeira ocorrência foi a realização, de 19 a 21 de setembro/2000, do colóquio internacional intitulado "A invenção do arquivo literário", realizado na UFMG e coordenado pela Coleção Archivos da UNESCO e pelo Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. Durante os três dias do Encontro convidados da UFMG e de outras instituições nacionais e do exterior debateram questões fundamentais da crítica genética - a preocupação prioritária com o texto na sua integridade e na sua dinâmica com outros textos; a materialidade das fontes primárias da literatura e o impacto das novas tecnologias sobre o texto (original) literário; e ainda, a preservação dos acervos literários sob a guarda de arquivos, bibliotecas e outras instituições culturais. Maria da Glória Bordini, palestrante convidada, discorrendo sobre o trabalho pioneiro do Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS, ressaltou a necessidade de se trabalhar com equipes interdisciplinares, citando a Biblioteconomia e a Arquivística, além de vários outros campos de estudo.

Como professora de Biblioteconomia, interessada em acompanhar o desenvolvimento de saberes e disciplinas que de alguma forma se entrecruzam na rota do bibliotecário saí, no último dia do Colóquio, entusiasmada com a possibilidade de integração entre aquela área em debate e a Biblioteconomia em alguns de seus aspectos/abordagens/ disciplinas como, por exemplo, a Bibliografia, a Formação/Desenvolvimento e Preservação de Acervos, a História da Leitura, a Sociologia de Textos e a Bibliofilia.

Aconteceu, pois, neste mesmo dia, a segunda ocorrência, que é o motivo desta resenha. Num dos

meus prazerosos (e anacrônicos?) passeios pelas estantes da biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG caiu-me nas mãos um exemplar recém-chegado da revista LEITURAS, da Biblioteca Nacional de Lisboa, centrado no tema Arquivística Literária e Crítica Textual. Deliciada com a coincidência entre o encontro casual deste número temático e a minha recente aproximação com aquele campo de estudos, realizei, entusiasmada, a leitura de todo o volume que documenta as comunicações apresentadas no Encontro Internacional de Arquivística Literária e Crítica Textual, realizado em Lisboa, em junho de 1999. Primeira constatação importante, já na leitura do Prefácio: se no plano pessoal posso chamar de coincidência a seqüência dos dois fatos que aqui relato, na realidade não há casualidade na realização do evento em Portugal, seguido, num período de menos de um ano de encontro semelhante em Belo Horizonte. Na verdade, os dois eventos fazem parte de um movimento em curso há cerca de uma década em nível internacional, voltado para a questão da memória e do patrimônio histórico, cultural e artístico, e que vem tomando forma através de iniciativas, ações e intervenções envolvendo instituições públicas e privadas. Neste sentido, salvo melhor juízo, quer me parecer que a integração possível entre este campo e a Biblioteconomia e a Ciência da Informação no Brasil ainda não está consolidada da forma desejável, a se julgar pela presença rarefeita de bibliotecários no Encontro de Belo Horizonte.

No que se refere ao número da revista LEITURAS, objeto específico desta resenha, há excelentes depoimentos abordando, sobretudo, os problemas metodológicos e éticos que envolvem a existência e o destino de acervos literários. Mas, como partem de perspectivas diferenciadas, conforme se trate do olhar do escritor, do crítico literário, do bibliotecário ou do editor, a editoria buscou um fio condutor que facilitasse uma leitura orgânica dos textos reunindo-os em quatro seções designadas: CRIAR E ESCREVER, COLECIONAR E ORGANIZAR, REFERENCIAR E DISPONIBILIZAR e LER E EDITAR.

Na primeira seção. **Criar e Escrever**, três escritores portugueses relatam seu processo de criação. Tais depoimentos, às vezes penosos, por significarem

uma revelação demasiado íntima sobre um produto em gestação, mostram-se importantes para esta corrente da crítica textual que volta a valorizar a figura do autor, tomado como personagem da construção de seus textos. Enquanto vivos, guardiões, eles próprios, do seu mundo de construção ficcional, os autores se manifestam às vezes com descaso, outras com repugnância, ou ainda com excessivo zelo sobre esta possibilidade do devassar póstumo do seu trabalho de confecção textual. Neste último caso, cientes da importância desse material para uma futura avaliação de seu percurso literário, podem iniciar em vida, eles mesmos, um trabalho de classificação de suas obras, o que, de certa forma, facilita o trabalho futuro dos arquivistas literários. Entretanto, trabalhar com os espólios, ou seja, com tudo o que sobreviveu à própria ação do escritor e ao (des)interesse de seus familiares - rascunhos, anotações, correspondências, souvenirs, edições corrigidas etc., - nem sempre é tarefa fácil para organizadores e pesquisadores. É preciso rever a questão levantada por Antônio Braz Oliveira no artigo "Arquivística Literária em perspectiva": Quem são os "herdeiros dos espólios literários?" "Tais acervos" responde o próprio Oliveira, "na sua complexa textura, constituem uma valiosa parcela, particularmente frágil e sutil do patrimônio comum conservados em instituições que (nem sempre sem problemas) os recebeu, guardou e cada vez mais procura divulgar, para proveito de estudiosos e investigadores das mais diversas áreas do conhecimento". Desse modo, uma vez doados ou vendidos a instituições públicas ou privadas os espólios literários pertencem à sociedade em geral, herdeira de todo o patrimônio cultural da humanidade. Aos estudiosos - arquivistas, bibliotecários, historiadores da literatura e críticos literários cabe, no dizer de Oliveira, não apenas a preocupação de divulgar a existência desses acervos, mas, sobretudo, a tarefa de estabelecer critérios para a sua ordenação, descrição, disponibilização e preservação.

São os passos deste percurso diferenciado e complexo que aparecem nos depoimentos da segunda parte da revista, **Colecionar e Organizar**. Duas questões interligadas, de ordem ética e metodológica, perpassam esses textos, indicando a preocupação dos responsáveis pela organização da memória literária contemporânea em seguir (às vezes criar) critérios éticos e técnicos para melhor respeitar a vontade de quem a legou. Ou, nas palavras de Carlos Reis, da Biblioteca Nacional de Lisboa "...os escritores e pensadores que um dia esboçaram, emendaram, cancelaram e reescreveram com ardor e pertinácia serão conhecidos e valorizados com maior profundidade se um dia, em condições previamente estabelecidas, os seus papéis forem

estudados com o método e com a preocupação deontológica que um tal estudo convoca". Carlos Reis acredita que é nas bibliotecas e nos arquivos que se encontram (ou devem se encontrar) as metodologias e o pessoal especializado capaz de executar tal tarefa. Neste sentido, alerta por sua vez a docente/investigadora portuguesa Teresa M. Marques, o trabalho do crítico genético demanda prudência e atenção para não se cair na tentação de tomar decisões que não lhe dizem respeito. Duas atitudes são perigosas diante da tarefa de organizar um acervo: de um lado a tentação de "mudar", mais do que "arrumar", palavras que pressupõem atitudes eticamente muito diferentes; e a atitude contrária, igualmente nefasta, que se dá pela sacralização dos restos, considerados relíquias, transformados em objetos-fetiche. T.M. Marques conclui, de forma contundente que, numa época como a atual, de limites indefinidos entre o que é de interesse público e o que deve ser mantido no domínio do privado, trabalhar com espólios, de maneira ética, significa remar contra a maré, preservando a nossa dignidade (do pesquisador), ao mesmo tempo que ajudamos a preservar a dos outros (do personagem em estudo).

A preocupação com o método levanta a necessidade, antes de mais nada, de uma "harmonização" terminológica, mais do que uma normalização propriamente dita para o campo da crítica genética. É esta a visão de Luís Cabral, da Biblioteca Municipal do Porto, para quem espólios, autógrafos, acervos literários, coleções, fundos, núcleos, são expressões diferentes mas compatibilizáveis no seu conjunto. Já o Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS, importante núcleo da crítica genética no Brasil, representado nos dois encontros, o de Lisboa e o de Belo Horizonte, por Maria da Glória Bordini, já citada, optou pelo termo **acervos literários** para delimitar a especificidade de seu projeto de preservação da memória literária da região sul do país, mais adequados, neste caso, que **espólios** ou **arquivos**. Os documentos que compõem espólios, acervos ou arquivos são, de qualquer maneira, objetos materiais e intelectuais, afirma Grésillon na comunicação "Le commerce avec les manuscrits: conservation ou recherche?", que permitem explorar cientificamente este precioso patrimônio conservado nas coleções, bibliotecas e arquivos literários. A chamada pesquisa genética, diz ainda Grésillon, seria impossível se, de um lado, a coleta, a guarda e a conservação, e de outro, a restauração e a publicação destes papéis, constantemente ameaçados de destruição não estivessem garantidos. Desta afirmativa pode-se inferir a interdisciplinaridade presente no trabalho da crítica genética, mobilizando saberes, campos e metodologias tão diversos quanto os da história e crítica literária, história cultural, semiótica,

antropologia cultural, editoração, informática, conservação de documentos, arquivística e, ainda, da biblioteconomia em diferentes abordagens.

Uma preocupação presente nos artigos da terceira seção, **Referenciar e Disponibilizar**, refere-se à (falsa) dicotomia conservação/uso dos documentos autógrafos, já que toda manipulação implica virtualmente numa ameaça ou agressão aos mesmos. O pesquisador da crítica genética, consciente da necessidade de proteger os manuscritos originais, luta em favor da sua substituição, seja qual for o suporte - fotocópia, microfilme, videodisco, CD-ROM ou disco ótico - embora não possa deixar de reivindicar, em certas etapas do seu trabalho, o acesso ao original, objeto único, que perde parte de suas características materiais quando sua mensagem é reproduzida, ainda que com fidelidade quase perfeita, como no caso das imagens computadorizadas.

Mais paradoxal do que esta relação conflituosa entre conservar e usar, guardar e disponibilizar é o fato de que a crítica genética, com a importância que coloca nos pré e pós-textos se constituiu ao mesmo tempo em que apareciam os primeiros editores de texto no computador, que implicam na ausência de rascunhos e correções visíveis. No momento mesmo em que escrevo esta resenha tenho notícia (Isto É/1601, 7/6/00) de que o jornalista e escritor Mário Prata optou por ser visto pelo mundo todo enquanto escreve o romance "Os anjos de Badaró". Aos interessados basta acessar **marioprata.terra.com.br** e poderão acompanhar o autor em pleno processo de criação até 25 de novembro de 2000, quando ele entrega o material para ser publicado pela editora Objetiva. Não sabemos se termina neste momento o processo de criação/leitura virtual, resultando um produto acabado, sem vestígios, ou se o autor conservará "a estrutura complexa na qual arquivos, crônicas e dados pessoais se confundem com a biografia imaginária das personagens, criadas conjuntamente por Prata e seu filho Antônio, peça-chave no projeto, pois é ele quem entende de Internet" segundo o texto da revista Isto É. Com certeza essas novas possibilidades serão incorporadas pela crítica genética, ao invés, de se associar o seu fim, como campo de pesquisa, ao fim dos rascunhos manuscritos.

No fundo, pensa Grésillon, citado acima, é o olhar do pesquisador que deverá mudar. Banalizada como ferramenta de escrita, a informática deverá ser

mais explorada como ferramenta de pesquisa, dada a sua capacidade de estocagem e de memorização, capaz de transformar em imagem todos os passos da criação. Em outras palavras, a informática facilita a tarefa de interrogar, reativar a todo instante, comparar e ler simultaneamente a enorme quantidade de dados e imagens que o pesquisador recolhe e separa nas diversas fases do seu trabalho de crítica. Para a pesquisa genética, é ainda Grésillon que afirma: isto significa um progresso sem precedentes, que permite criar bases de dados e edições hipertextuais de toda ordem. É sob esse aspecto que o Projeto MALVINE (Manuscripts and Letters via integrated networks in Europe), apresentado na terceira seção de LEITURAS, desempenha um papel exemplar, permitindo ao pesquisador não somente verificar rapidamente onde o manuscrito está localizado, como poder fazê-lo aparecer sobre a tela e como integrá-lo a outros dados textuais.

No espaço brasileiro está em curso a formação de uma rede digital de informações provenientes dos acervos, arquivos e espólios literários do país, projeto criado e gerenciado pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS, e que já inclui os acervos de Henriqueta Lisboa e Murilo Rubião. sob a guarda da Biblioteca Central da UFMG. Os recursos hipertextuais, portanto, ampliam as possibilidades da crítica genética, podendo-se representar a dinâmica dos processos da escrita, mostrá-la como memória viva, ao contrário do suporte papel, limitado pelo aspecto eternamente bidimensional da página. "A informática oferece uma ferramenta que permite navegar no espaço do pré-texto ao texto, com suas edições sucessivas /.../ como se o atelier do artista se reconstruísse a cada momento sob nossos olhos, diz Grésillon.

Por fim, na quarta e última seção chamada **Ler e Editar**, discutem-se as necessidades e possibilidades de realizar-se edições críticas de diferentes autores, contemporâneos ou não. Relatos interessantes de edições críticas de escritores portugueses nos lembram que este tipo de edição continua relativamente raro no Brasil (Emanuel Araújo fez essa afirmação em 1986, em "A construção do livro" e pouca coisa mudou, desde então). Sendo um dos produtos notáveis da crítica genética há aí, na edição crítica, um amplo espaço de atuação conjunta com a bibliografia descritiva que, segundo me parece, ainda não foi devidamente explorado pelos bibliotecários, até mesmo como tema de dissertações e teses. Fica a sugestão.